



ISSN: 2595-5713

Vol. 5 | Nº. 9 | Ano 2022

APRESENTAÇÃO - DOSSIÊ “QUADRINHOS EM ÁFRICA(S)”

Márcio dos Santos Rodrigues
Daniel de Jesus Figueiredo

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

Alexandre António Timbane
alexandre.timbane@unilab.edu.br

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

DOSSIÊ “QUADRINHOS EM ÁFRICA(S)”

Márcio dos Santos Rodrigues ¹Daniel de Jesus Figueiredo ²

O primeiro artigo, de Lucas Mello Neiva, tem como interesse principal examinar as representações de África e construção de hierarquias raciais postas em circulação em "Terras Extranhas", história em quadrinhos de Oswald Storni, publicada nas páginas de *O Tico-Tico* entre os anos de 1936 e 1938. A reflexão de Lucas gira em torno do imaginário sobre aventureiros em busca de tesouros perdidos no continente africano e de como esta questão nos revela formas visuais e narrativas racializadas. Não se trata particularmente de uma reflexão a partir dos quadrinhos africanos, mas sobre a invenção de África “no” e “pelos” quadrinhos. Por esse objetivo decidimos incluí-lo no presente dossiê. Existem Áfricas inventadas “nos” e “pelos” quadrinhos. O que Neiva propõe nesta (e em outra) contribuição é que essa invenção deve ser devidamente verificada e explicitada em seus aspectos históricos.

O segundo artigo do dossiê é assinado por Micaella Schmitz Pinheiro e Alexandre Linck Vargas. Ambos buscam balizas para compreender o *afrofuturismo* em suas dimensões, dentre as quais se destaca a estética. Afinal, uma das principais manifestações do afrofuturismo é de ordem estética. Em um primeiro momento, os autores refletem se este termo qualifica um movimento político, uma vanguarda artística e/ou um fenômeno cultural e nos colocam estas questões para examinar a(s) identidade(s) do afrofuturismo. O artigo fornece a seguir uma breve genealogia do afrofuturismo, relacionando-o às exposições de filósofos e escritores como Gilles Deleuze, Achille Mbembe e Nnedi Okorafor. Há espaço para embates do termo com outras terminologias, como a do *africanofuturismo*. Tal como no artigo anterior deste dossiê, África e a diáspora africana se apresentam como campo de invenção.

Em seguida, temos o artigo “Banda desenhada a partir do Norte de Moçambique: Notas etnográficas sobre o trabalho de Justino Cardoso”, que nos oferece uma percepção sobre um artista moçambicano e sua produção caracterizada por narrativas de fundo histórico, com acento político, às vezes nacionalista e anticolonialista. Daniel de Jesus Figueiredo, antropólogo de formação, assinala a importância do trabalho de Justino para a compreensão de processos históricos e culturais a partir da região norte de Moçambique, bem como relaciona temas e

¹ Doutorando em História pela UFPA, Professor Substituto do curso de História da Universidade Estadual da UEMA, pesquisador vinculado ao Grupo de Pesquisa em História Social da Arte do PPHIST-UFPA. Editor, tradutor e pesquisador de quadrinhos de autoria africana. E-mail: marcio.strodrigues@gmail.com

² Doutor em antropologia e pesquisador em estudos africanos vinculado ao Laboratório de Antropologia das Controvérsias Sociotécnicas (LACS) e ao Núcleo de Antropologia Visual (NAV), Departamento de Antropologia – UFMG. E-mail: devirmaquina@gmail.com

aspectos técnicos da banda desenhada que operaram uma agência específica da arte sobre o público almejado. Sob uma perspectiva etnográfica, o artigo demonstra que o trabalho de Justino Cardoso encontra o seu propósito na execução de um projeto artístico e pedagógico, que tem como principal objetivo conscientizar a população sobre a necessidade de conhecer a sua própria história, a sua cultura e as mazelas sociais que a aflige, bem como objetiva promover uma ação transformadora da realidade moçambicana. Assim, o texto apresenta a maneira específica como Justino Cardoso se apropria de uma identidade que assume do chamado teatro épico, transpondo-a para a banda desenhada.

O próximo artigo, “Cartuns e charges em combate pelo futuro do Apartheid: The Citizen x Rand Daily Mail (1975 – 1978)”, do historiador Júlio Sandes, é focado na atmosfera histórica dos anos 70 na África do Sul, de como cartuns, outras formas visuais e diferentes discursos se inseriram em um terreno de disputa não apenas editorial, mas política. Sandes examina como o governo nacionalista africânder realizou secretamente um programa de propaganda pró-*apartheid* através de um jornal de língua inglesa, *The Citizen*, e como um concorrente, o *Rand Daily Mail*, expunha a existência desse mesmo programa. Para tanto, o autor nos apresenta tais controvérsias editoriais por meio de imagens publicadas nos dois jornais entre 1975 e 1978, de modo a nos situar nesse quadro amplo e complexo que reproduz, através do meio da imprensa, questões políticas e sociais da África do Sul.

O artigo seguinte é focado em um relato de experiência. No ano de 2021 uma série de obras inéditas de autores das mais variadas partes do continente africano chegou ao Brasil através do trabalho de curadoria, tradução e edição de Márcio dos Santos Rodrigues (um dos organizadores deste dossiê), em uma parceria naquele momento desenvolvida com a editora Skript. No artigo, Rodrigues discute algumas das particularidades desses quadrinhos e aponta questões específicas que os tradutores e editores deveriam estar cientes durante o processo de tradução ou edição das produções dos cenários de África(s). O artigo trata também dos aspectos linguísticos e culturais presentes nesses quadrinhos africanos e como estes poderiam ter sido “domesticados” por editores, em razão de certos estereótipos ou pouco conhecimento em torno de referenciais africanos. Aborda também os desafios para o tradutor de quadrinhos diante de obras expressas em formas linguísticas hibridizadas como pidgins, além de idiomas com termos nem sempre traduzíveis para a nossa língua.

Encerra este dossiê a tradução de um artigo direcionado a um público mais amplo, não apenas acadêmico, assinado por Christophe Cassiau-Haurie. Publicado originalmente no site *Africultures*, trata-se de um texto sobre quadrinhos em suaíli, uma das línguas africanas com maior número de falantes no continente. Consideramos oportuna a publicação deste texto pelo fato de Cassiau-Haurie ser um estudioso de origem camaronesa, especializado em quadrinhos de

autoria africana. Autor de vários livros e artigos sobre quadrinhos africanos, ele nos fornece um quadro geral sobre produções em suaíli nos diferentes contextos da África Oriental.

Estamos convencidos de que a leitura deste dossiê contribuirá para um interesse maior sobre produções em quadrinhos que tematizam o continente africano, bem como servirá para consolidar reflexões importantes acerca dos quadrinhos vindos de Áfricas como um importante campo de estudos. Diante dessa expectativa, desejamos uma boa leitura.

.